

AS REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE NA MÍDIA TELEVISIVA

Danielle Tavares Teixeira¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de projeto concebido com o objetivo de analisar, subsidiado pela Análise de Conteúdo, como o Pantanal Mato-grossense é caracterizado pelo programa jornalístico de televisão, Globo Repórter, que toma o meio ambiente como uma de suas principais pautas. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com o auxílio de pesquisa bibliográfica e documental. Tomam-se como categorias de análise a caracterização do bioma Pantanal, presente no conteúdo de dois episódios produzidos nos anos de 2002 e 2007. O resultado das análises apontará que o conteúdo televisual privilegia a beleza e o exotismo do Pantanal, apresentando o ambiente de forma fragmentada, ao mostrar diferentes aspectos da realidade sem, contudo, aprofundar a interconexão e interdependência entre os fatores.

Palavras-chave: Globo Repórter, linguagem televisiva, jornalismo ambiental e Análise do Conteúdo.

Abstract: This issues examines, through a reading subsidized by the Content Analysis, such as the Pantanal, Mato Grosso is characterized by the television journalist, Globo Reporter, which treats the environment as one of its main agendas. This is a descriptive study, with the aid of literature and documentary. To implement the analysis, take it as categories of analysis, addressed the characterization of the biome and conceptions of environmental services concepts in the discourse of two episodes produced in 2002 and 2007. The result of analysis shows that the television content focuses on beauty and exoticism of the Pantanal, showing the environment in a fragmented way, to show different aspects of reality without, however, deepen the interconnection and interdependence between the factors.

Keywords: Globo Reporter, language television, journalism and environmental, content analysis.

Introdução

O papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea tem sido amplamente pesquisado e debatido em estudos que procuram analisar sua influência na formação de opinião e sua atuação como um elemento de controle social, político, ideológico e cultural (BOURDIEU, 1997; ABRAMO, 2003; GOMES, 2003; MATÍN-BARBERO, 2004;

¹ Jornalista, mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

TRAQUINA, 2005; PONTE, 2005; MARQUES DE MELO, 2006; CHARAUDEAU, 2007).

Na comunicação de massa, a televisão se destaca no contexto brasileiro devido a sua abrangência e alcance em todo o território nacional, facilidade de compreensão da linguagem, poder de influenciar hábitos e costumes. “As pessoas adultas dos países ocidentais gastam entre 25 a 30 horas por semana assistindo televisão, e isso sem contar o tempo que empregam escutando rádio ou música, lendo jornais, livros, revistas e consumindo outros produtos”. (GUARESCHI e BIZ, 2005, p. 38).

Devido ao seu grau de verossimilhança, desconsideram-se, muitas vezes, os processos de produção da notícia na TV. Quando o campo da televisão se apropria do tema “Pantanal”, por exemplo, a mensagem passa pelos filtros das empresas de comunicação, dos valores noticiosos, da linguagem midiática e do tempo da mídia. A seleção do que noticiar considera diversos fatores, tendo como pano de fundo os interesses comerciais. (BOURDIEU, 1997).

A concepção teórica adotada comunga com as asserções de Traquina (2005) e de diferentes autores, dentre os quais, Marques de Melo (2006) e Ponte (2005), que descrevem as notícias como resultado de interações entre diversos agentes sociais. São, portanto, construções narrativas, estórias, marcadas pela cultura dos membros da tribo e da sociedade onde estão inseridas.

O resultado é uma construção do fato que não necessariamente condiz com a leitura da comunidade pantaneira e dos diferentes atores que interagem no local. Essa rotina veloz de produção jornalística muitas vezes determina que se encontrem notícias sobre meio ambiente viciadas, fragmentadas, expostas de modo desconexo e desprovido das inter-relações com a esfera sócio-político-econômica.

Essas reproduções distintas do acontecimento fornecem o componente-chave para este artigo: como o Pantanal é retratado nas matérias e produções jornalísticas na grande mídia? Quais as concepções de ambiente retratadas que se sobressaem? Este trabalho analisa, subsidiado pela Análise de Conteúdo, como o Pantanal Mato-grossense é caracterizado pelo programa jornalístico Globo Repórter, em dois momentos distintos: o ano de realização da Cúpula das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, em Johannesburgo em 2002, (RIO+10) e cinco anos após (2007).

O Pantanal Mato-grossense, declarado como Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988, foi classificado pela UNESCO como Patrimônio Natural da Humanidade, em 2000. Com uma área de cerca de 230 mil Km², constitui uma das maiores e mais diversificadas áreas alagáveis do mundo, caracterizada por um período de transição entre sistemas aquáticos e terrestres. (DA SILVA et al, 2001).

Os contornos que se pretende aqui estabelecer não são aqueles físico-geográficos do Pantanal, por si só já complexos, nem aqueles que o senso comum dissemina, no interior de uma infinita massa de traços verbais e de outras formas simbólicas. Neste artigo, o conceito de Pantanal, como categoria de análise, se concentra naquele produzido nos conteúdos transmitidos pela televisão, repetido e transformado a partir de determinadas formações discursivas, e que tem a ver com a sobrevivência física e cultural de populações tradicionais.

Em um momento histórico em que a ecologia coloca o Pantanal no centro de um campo discursivo nacional e internacional, cabe compreender como a recorrência às imagens edênico-exóticas, sedutoras e de estranhamento permanece, de modo fragmentário, no processo de produção do texto midiático.

Essas representações sociais do Pantanal e de meio ambiente geradas nos suportes eletrônicos de comunicação tornam-se extremamente importantes, já que, a partir desses discursos audiovisuais, são formados conceitos por parte da população, que levam à sensibilização e à adoção de atitudes e medidas efetivas contra ou em prol da natureza.

Caracterização do Pantanal no Programa Globo Repórter

Os objetivos deste artigo exigiram, em primeiro lugar, o levantamento dos Programas GR que abordaram a temática ambiental, programa que em 2012 completou 39 anos de exibição ininterrupta. O *corpus* foi selecionado usando como critérios o recorte temporal e a homogeneidade do material, tomando como referência anos em que a pauta ambiental estaria em maior evidência na mídia nacional, refletindo um aumento do interesse internacional na temática.

O destaque dado pela mídia a assuntos relacionados à crise ambiental emergiu paralelamente ao surgimento de uma discussão social de caráter mais institucional, amplo e abrangente em torno do meio ambiente, discussão esta que tem como marco histórico as Conferências das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em 1972 (Estocolmo), 1992 (Rio-92 ou Eco-92), 2002 (Rio + 10) e 2012 (Rio + 20). (RAMOS, 1996; ABREU, 2006).

Foi selecionado, então, o material em dois anos específicos: de 2002, quando ocorreu a Rio+10, e 2007, ano de início de realização desta pesquisa. Como este trabalho visa analisar a cobertura da pauta ambiental pelo Programa Globo Repórter, que focasse como temática central o Pantanal de Mato Grosso, foram selecionados os programas “Expedição ao Pantanal”, exibido em 26 de abril de 2002, e “Diferentes Pantanaís”, que foi ao ar em 03 de agosto de 2007.

A metodologia adotada para identificação das concepções de meio ambiente e Pantanal seguiu os pressupostos da Análise de Conteúdo (AC) que, segundo as proposições de Bardin (1977), trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas destas mensagens).

Um primeiro contato, denominado “leitura flutuante”, ajudou a detectar padrões na cobertura dada à temática ambiental (BARDIN, 1977; FRANCO, 2005; HERSCOVITZ, 2007). Os episódios foram transcritos e reagrupados em diferentes categorias, definidas *a priori* e não definidas *a priori*. Os programas selecionados foram analisados, então, a partir de um roteiro pré-estabelecido, observando-se como o Pantanal Mato-grossense foi definido no texto jornalístico de TV.

No tópico a seguir, contextualiza-se para o leitor a abordagem geral do programa, com ênfase à abertura da reportagem que, de acordo com padrões jornalísticos, deve apresentar de forma resumida e atraente os principais elementos da reportagem.

Nos dois episódios analisados “Expedição ao Pantanal” (2002) e “Diferentes Pantanaís” (2007), o contato entre o público e o estúdio se estabelece desde a abertura do programa, a partir das saudações do apresentador Sérgio Chapelin, que aparece instalado em seu lugar de exercício profissional, em posição frontal, que anuncia o sumário.

Programa “Expedição ao Pantanal” (2002)

O Programa “Expedição ao Pantanal”, exibido em 26/04/2002, com 42 minutos e 01 segundo, dividido em cinco blocos, teve como repórter o

jornalista Marcello Canellas. Como o título desse episódio sugere, o apresentador Sérgio Chapelin anuncia o que se poderia esperar:

Pantanal do Mato Grosso: esse pedaço exuberante do Brasil guarda a nossa mais rica vida selvagem. Jacarés, onças, cervos, centenas de espécies raras em uma terra inundada que lembra o paraíso dos livros infantis. É nesse cenário de sonhos que cientistas de todo o país estão trabalhando. O Globo Repórter de hoje acompanha a maior expedição científica já feita ao Pantanal. Junto com os cientistas, os homens da terra, gente que conversa com onças, anda em comitivas e tem muito a ensinar aos doutores. Nos acompanhe nessa viagem ao mundo encantado que pulsa no coração do Brasil.

Desde o início do Globo Repórter, Sergio Chapelin conduz o programa, criando, ao longo dos anos, identidade e, principalmente, intimidade com o público. Como afirma Charaudeau (2006, p.229),

[...] É ele que anuncia, que mostra, indicando como abordar a notícia (função de guia); que passa a palavra aos correspondentes (função de organizador das transmissões); que retoma cada fala para um comentário ou uma conclusão (função de orientador); que redistribui o turno da fala a especialistas presentes no estúdio, mostrando assim já conhecer a informação (função de moderador).

Durante a narrativa, o apresentador constrói a imagem de um enunciador personalizado que se expressa como se estivesse falando diretamente a cada indivíduo da coletividade dos telespectadores: participa com sua própria emoção com relação aos acontecimentos dramáticos do mundo (enunciação elocutiva), solicita a atenção ou interesse e interpela-o (enunciação alocutiva), com o auxílio de movimentos do rosto (mesmo os mais discretos), de certos tons de voz, da escolha de determinadas palavras.

A cena inicial do episódio busca uma maior carga dramática para atrair o público e prepará-lo para o que vem pela frente. À apresentação de Chapelin, seguem-se imagens do Pantanal, com transição lenta e fusões, e o

telespectador vê pôr-do-sol, sinfonia dos pássaros, rio, peixe, imagens subaquáticas, tuiuiús, cervo, abelha polinizando, mostrando que a riqueza se encontra tanto em terra como no céu.

Essa cena ganha enorme dramaticidade com a utilização de música de fundo, uma trilha emotiva que remete ao Éden. Essa visão paradisíaca materializa-se na voz do primeiro personagem da narrativa, um senhor que ainda não é apresentado, mas pelos trajes e ambiente de fundo, parece ser um fazendeiro e que diz: *Não tenho dúvida nenhuma: Deus está por aqui.* Em *off*², o repórter da Globo, Marcelo Canellas começa a narrar:

A ditadura da água: uma terra governada por cheias e vazantes, à revelia da vontade dos homens [...]. Quando chegaram aqui, os primeiros colonizadores temiam enfrentar índios ferozes, monstros gigantes, demônios pavorosos, e logo aprenderam: o que não se pode vencer é a força da natureza, a um só tempo selvagem e bela.

No campo jornalístico, a abertura da matéria, chamada *lead*, deve conter os elementos essenciais da reportagem ou notícia, inserindo o tema ou destacando os aspectos mais impactantes do assunto, para despertar a atenção do telespectador. Dessa forma, a narrativa acima projeta como será o tratamento dispensado ao Pantanal: um local exuberante, entretanto, misterioso e cheio de perigos, que será mostrado por cientistas e pantaneiros.

A seguir, a partir da leitura flutuante dos dois programas analisados, relaciona-se como o Pantanal mato-grossense foi definido, descrito e caracterizado pelo apresentador e pelo repórter do programa, que, com suas narrativas, conduzem o entendimento e a emoção do telespectador ao longo do roteiro jornalístico. Os textos foram transcritos e, a partir desse

² O recurso da narração em *off* é muito comum no jornalismo e normalmente as imagens ilustram o que o jornalista está dizendo e são facilmente identificáveis pelo telespectador.

levantamento, foi possível identificar constantes temáticas, divididas em categorias de acordo com a característica predominante (Tabela 1 e 2).

Tabela 1. Definição do Pantanal no programa “Expedição ao Pantanal” (2002).

| DESCRIÇÃO NO TEXTO | CARACTERÍSTICA PREDOMINANTE |
|--|--|
| Pantanal do Mato Grosso: esse pedaço exuberante do Brasil guarda a nossa mais rica vida selvagem. Jacarés, onças, cervos, centenas de espécies raras em uma terra inundada que lembra o paraíso dos livros infantis. É nesse cenário de sonhos que cientistas de todo o país estão trabalhando. Nos acompanhe nessa viagem ao mundo encantado que pulsa no coração do Brasil. | Exótica Éden |
| A ditadura da água: uma terra governada por cheias e vazantes, à revelia da vontade dos homens. [...] o que não se pode vencer é a força da natureza, a um só tempo: selvagem e bela. | Ciclo da água Exótica |
| Pantanal desconhecido. A grande expedição embarca no mundo das águas e começa o levantamento da incrível riqueza dos rios e florestas. | Falta de conhecimento Extremo: abundância de água |
| E a região desenhada pelas cheias está repleta de perguntas que a ciências ainda não respondeu: Como a vida se comporta aqui? Quantas espécies? Como elas se relacionam? Qual o tamanho de sua diversidade? | Falta de conhecimento Abundância de água |
| Todos os instrumentos criados pela ciência para investigar a natureza, todo o conhecimento acumulado pelos biólogos ao longo dos anos, e nada disso foi o suficiente para esgotar o estoque de plantas e animais desconhecidos nesta região do Brasil. Esse barco é um laboratório, a linha de frente de uma expedição de cientistas dispostos a desvendar o que hoje ainda é um mistério. | Falta de conhecimento |
| Por vezes protegida pela mata densa, por vezes castigada pelo desmatamento e, por ser uma zona mestiça de floresta, cerrado e pantanal, nunca foi estudada como deveria. Pesquisadores anônimos voluntários, cientistas de universidades do Brasil inteiro: é o maior esforço já realizado para fazer um inventário sobre a natureza desta região tão peculiar. | Contraste: protegida X castigada Biodiversidade |

| | |
|---|------------------------------|
| Muitos dos organismos encontrados aqui nunca foram encontrados em nenhum outro lugar. | Extremo: endêmica |
| Já descobriu espécies novas, mas sabe que está muito, mas muito longe, de acabar seu trabalho. | Falta de conhecimento |
| A expectativa então é de entrar em contato com novas espécies, novos achados, novos encontros, descrevê-los, é isso que me motiva estar aqui hoje. | Falta de conhecimento |
| A expedição confirmou as suspeitas de que ainda existem muitas espécies desconhecidas. Todo o material coletado nas imediações do Sepotuba vai ser analisado nos laboratórios de várias universidades brasileiras. | Falta de conhecimento |
| Não é preciso se mover do lugar para observar uma infinidade de aves. Existem cerca de 650 espécies diferentes no pantanal. | Extremo: Mega-Biodiversidade |
| Aqui, a qualidade do ambiente se revela no primeiro olhar. Basta ver o que está em volta. A região de Bonito, em Mato Grosso do Sul, é um sistema de integração perfeita. | Sistema perfeito |
| A gente tem a maior fauna de peixes de água doce do mundo. As estimativas giram em torno de 4 mil espécies de água doce. Descritos formalmente a gente não tem nem a metade disso. | Extremo: Mega-biodiversidade |
| Porque a gente não vai conseguir regenerar o Brasil todo, mas pelo menos essas áreas, que ainda estão intactas que ainda dá para trazer de volta, eu creio que seria um ganho para o Brasil, para o estado de mato grosso do sul, mas para o mundo. | Intocado |
| Aqui, longe da presença humana, as lontras e ariranhas encontram paz para fazer as tocas. | Desabitado |
| No fundo, é a aspiração de todos os que se embrenham nas matas, e se aventuram nos lagos e rios da imensa planície: salvar seus frágeis moradores, manter o que está intocado, recuperar o que foi perdido. | Extremo: Imensa planície |

A partir da categorização da definição do Pantanal no programa de 2002, evidenciou-se que o Globo Repórter caracterizou o bioma como sistema perfeito, zona mestiça, peculiar e ainda desconhecido. A linguagem recorre a adjetivos que supervalorizam o Pantanal: exuberante, incrível riqueza, nunca encontrado em nenhum outro lugar, mega-biodiversidade, imensa planície, acentuado pelo contraste: protegida X castigada e pelo vazio demográfico. Também notou-se a presença do ciclo da água, como

pode ser constatado nas expressões: desenhada pelas cheias, mundo das águas, terra governada por cheias e vazantes.

Programa “Diferentes Pantanaís” (2007)

Cinco anos depois, no programa intitulado “Diferentes Pantanaís”, que foi ao ar em 03/08/2007, em 46 minutos e 11 segundos, dividido também em cinco blocos, o apresentador convida o telespectador, dizendo:

Vamos viajar pela mais exuberante reserva da vida selvagem do Brasil. Pantanal, até a última fronteira. Nossos repórteres frente a frente com a onça pintada. O que aconteceu? Vamos mostrar animais nunca vistos no Pantanal, conhecer o canto de amor dos jacarés, a garça real, o pássaro cor-de-rosa e a ave das penas azuis. A beleza da gigantesca vitória-régia e a menor planta aquática do planeta. A árvore que é uma farmácia natural, quantas surpresas, quantas ameaças nesse paraíso que o mundo admira.

O apresentador mostra o Pantanal como um local exótico, selvagem e ameaçado, uma terra desconhecida e inacessível ao homem comum, que será desbravada por aventureiros, no caso, a equipe do GR e suas lentes que mostrarão o que os olhos humanos não podem ver.

A relação entre o mundo referencial e o telespectador é assegurada pelo mesmo apresentador, que se apaga, se faz transparente e constrói para si a imagem de um enunciador impessoal: “*Dois semanas de aventura, duas equipes percorrendo o Pantanal brasileiro*”, diz Chapelin.

Para enfatizar os diferentes Pantanaís, o programa recorreu à estratégia de utilizar dois repórteres-narradores: Renato Biazzi, de Cuiabá - Mato Grosso, e Cláudia Gaigher, de Campo Grande - Mato Grosso do Sul. A arte gráfica mostra no mapa o lugar onde cada profissional se localiza e evidencia-se o esforço das equipes. O tom de aventura é enfatizado pela

música ágil, somada à edição ritmada, com sobreposição de imagens dos dois narradores.

Na tabela 2, foram transcritos os textos em que o apresentador e os repórteres descrevem o Pantanal mato-grossense. A partir desse levantamento, foi possível categorizar constantes temáticas, seguindo a metodologia adotada no tópico anterior.

Tabela 2. Definição do Pantanal no programa “Diferentes Pantanaís” (2007).

| DESCRIÇÃO NO TEXTO | CARACTERÍSTICA PREDOMINANTE |
|--|---|
| Vamos viajar pela mais exuberante reserva da vida selvagem do Brasil. Vamos mostrar animais nunca vistos no pantanal, conhecer o canto de amor dos jacarés, a garça real, o pássaro cor-de-rosa e a ave das penas azuis. A árvore que é uma farmácia natural, quantas surpresas, quantas ameaças nesse paraíso que o mundo admira . (Sergio Chapelin). | Exótico Falta de conhecimento Éden |
| Ambiente selvagem onde só se chaga a cavalo. Chegamos aos extremos desse paraíso , nas fronteiras como a Bolívia e o Paraguai. | Selvagem Isolado/Inacessível Éden |
| Só mesmo na carona de um trator para desbravar o território de um dos bichos mais ariscos e desconhecidos do pantanal. O pantanal mais selvagem do Brasil, o mais distante . | Território a ser desbravado Falta de conhecimento Selvagem Isolado/Inacessível |
| A vida selvagem tem muitas surpresas . Até para os cientistas. | Imprevisível |
| É muito fértil e vigorosa população do Pantanal. Uma das maiores do mundo, mais de 20 milhões. | Extremo: Mega-Biodiversidade |
| Terra encharcada , cheia de aventura e paixão . Beleza arrebatadora. Inspiração para as histórias de amor, pela região e seus desafios. | Extremo: encharcada, arrebatadora Belo |
| O pantanal muda de humor rapidamente. | Imprevisível |
| O que parece mato, para eles é uma descoberta . | Local a ser desbravado |
| À primeira vista, o Pantanal são as paisagens exuberantes . Mas aos olhos da ciência, a região é | Extremos: exuberante, imenso |

| | |
|--|---|
| um imenso laboratório ao ar livre. | |
| A menor e a maior planta aquática com flor do mundo estão no Pantanal. Mistura de espécies, um lugar em transformação , cheio de surpresas . | Falta de conhecimento Contraste: menor e maior |
| Vive fazendo contas, afinal, esse berçário tem sempre novidade para ser registrada. | Berçário |
| O Tuiuiú também está em toda parte. É o queridinho do Pantanal Um símbolo entre as 550 espécies de aves encontradas na região. Os pesquisadores estimam que existam 15.000 Tuiuiús em todo o pantanal. | Extremo Mega-biodiversidade |
| Rara é a emoção de contemplar esse quadro vivo e gigante , que é o Pantanal. Cores, formas, som. A euforia das aves na lagoa, repleta de peixes lembra uma orquestra, ou a bateria da escola de samba. Pausa para a toaleta. O Colhereiro fica ainda mais delicado. | Emoção Quando vivo Extremo: gigante |
| Ao final de cada dia, um pôr-do-sol diferente. Cores e nuances que só o Pantanal tem. Mas, no lugar famoso pela beleza , nossos repórteres também encontraram um pantanal em perigo . | Contraste: Belo X Ameaçado |
| Contrates no paraíso : devastação e morte no rio de areia. Vida e beleza, nas águas protegidas. | Éden Contraste: devastação e morte X vida e beleza |
| Letícia e a avó aproveitam a tranquilidade de um pantanal preservado . Mas o pai da menina, Lucas, enxerga ameaças na vizinhança. | Contraste: preservado X ameaças |
| Mistério no coração do pantanal. Porque num lugar como esse, cheio de vida , encontramos lagoas onde poucos seres vivos conseguem resistir? | Contraste: vida X morte |
| Difícil é acreditar que não estamos no mar . | Extremo: Imensidão da água |
| Em nenhum outro ponto da planície a presença da água é tão marcante como aqui. | Extremo: Imensidão da água |
| Para controlar tamanha força , só mesmo uma muralha de pedra . | Extremo: Muralha |

No programa de 2007, a partir da categorização dos dados, infere-se que o bioma é caracterizado pelo GR como planície marcada pela água, berçário de peixes, imprevisível, quadro vivo, inspiração, cheia de aventura e paixão, marcada por contrastes: vida X morte, preservado X ameaçado, devastação e morte X vida e beleza, menor X maior; extremos: muralha, imensidão da água, mar, gigante, mega-biodiversidade, encharcada, beleza

arreatadora, exuberante; e pelo vazio demográfico: desconhecido, éden, isolado/inacessível, sonho, éden, território a ser desbravado, selvagem. No programa também registrou-se a referência ao ciclo da água: movimento, imensidão de água, mar, terra encharcada.

Caracterização do Pantanal no Programa Globo Repórter

Como foi mostrado, no Programa Globo Repórter “Expedição ao Pantanal” (2002), o bioma foi caracterizado como um “ecossistema de transição, peculiar, um sistema perfeito”. De acordo com a narrativa construída no GR, essa terra governada pela água é marcada por muitos contrastes: de um lado a incrível riqueza da imensa planície, exuberante e cheia de espécies exóticas e, por outro lado, um mundo desabitado, intocado, selvagem, desconhecido, uma local a ser desbravado. Outra característica que define o Pantanal, nesse programa, é a presença da água: desenhada pelas cheias, mundo das águas, terra governada por cheias e vazantes. Esta representação naturalista (Reigota, 1995; 2007) vê o meio ambiente como *sinônimo de natureza (intocada) e de harmonia*.

Entretanto, o texto evidencia que é um local ainda desconhecido e cheio de contrastes: terra protegida X castigada, existe riqueza natural onde há vazio demográfico e está devastada onde há presença humana. Dessa forma, infere-se que áreas protegidas da presença humana estão preservadas, entretanto, onde tem ocupação humana ela está castigada.

No programa de 2007, a planície foi caracterizada, muitas vezes, através da comparação entre os elementos naturais e humanos, como: berçário de peixes, quadro vivo, inspiração, cheia de aventura e paixão, imprevisível pois muda de humor. Da mesma forma que no programa de 2002, a narrativa chama a atenção para a extrema beleza e exuberância da paisagem natural gigante, mega-biodiversificada. O programa aborda o ciclo

da água, que rege a vida no Pantanal. Mas por outro lado, enfatiza a abundância dos recursos hídricos, com a utilização de termos como “imensidão de água, mar, terra encharcada”.

Da mesma forma, esse Pantanal é marcado por grandes contradições: vida X morte, preservado X ameaçado, devastação e morte X vida e beleza, menor X maior. Ao lado da paisagem exuberante, o relato do GR descreve um vazio demográfico, que pode ser observado pelo uso dos termos: desconhecido, misterioso, éden, isolado/inacessível, sonho, território a ser desbravado, selvagem.

A flora do Pantanal é apresentada como exuberante e exótica, a linguagem vai de um extremo ao outro: *A beleza da gigantesca vitória-régia e a menor planta aquática do planeta [...]*. E no meio da gigante e da minúscula, estaria uma vegetação que, para ser admirada pela televisão, é remetida a diferentes emoções, por meio de efeitos de linguagem.

Foram identificadas três valorizações distintas: 1) Aproximação da flora com paixão do casal: *O desafio de desvendar o mistério das plantas pantaneiras renova a paixão do casal*; 2) o apelo a sutis curiosidades ou “fait-divers”: *E os pantaneiros usam essa árvore para quê? Bom, uma das finalidades é como geladeira*; 3) valor comercial da natureza: *Repórter: então quer dizer que o cambará é uma farmácia natural? Encontraram realmente três princípios ativos: analgésico, antiinflamatório e antitérmico. Só falta agora o desenvolvimento do remédio* (Globo Repórter, 2007).

Conforme Diegues e Arruda (2001), essa concepção romântica da natureza, que vê o ambiente dissociado do humano, tem origem em teorias conservacionistas, discurso fortalecido no exemplo de áreas protegidas como locais privilegiados para a conservação da biodiversidade.

Sob essa ótica, a biodiversidade é entendida como produto da própria natureza, sábia e perfeita, e a consequência dessa visão é a não interferência

humana. Apesar do grande apelo e fascínio que a beleza cênica do Pantanal exercem para as lentes da televisão e seus telespectadores, Baggio *et al* (2002) alertam para o perigo da homogeneização das práticas ambientais.

De forma semelhante, Sodré (1992, p.50) identificou que as revistas impressas caracterizam a natureza brasileira como território remoto e habitado por povos desconhecidos. “O tamanho do Brasil e a potencialidade das riquezas sempre sugeridos, através das fotografias e textos, como dados excelsos e incontestes, reafirmando-se a atitude do bandeirante”. Essa característica também foi observada por Belmonte (1997):

A meu ver ainda não ocorreu uma definição editorial dos veículos da grande imprensa para dar à pauta ambiental um status de grande reportagem investigativa, indo além do factual ou da abordagem exploratória do belo e do exótico. Aos repórteres falta experimentar novos caminhos narrativos que aproximem os temas do cotidiano das pessoas (Idem, s/p).

A informação midiática é, em seu fundamento, marcada pela contradição: finalidade de fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade, finalidade de fazer sentir, que deve fazer escolhas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização. Na tensão entre os pólos de credibilidade e de captação, “quanto mais as mídias tendem para o primeiro, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos tocam o grande público; quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credíveis serão” (TRAQUINA, 2005, p. 93).

Mattozo e Camargo (2005) oferecem elementos importantes para a reflexão sobre a importância dos sistemas de informação para a educação ambiental: por um lado, destaca o reconhecimento do papel mobilizador dos meios e da necessidade de qualificar a informação para que ela funcione

como instrumento de pressão e, por outro, defende a afirmação de um direito do homem, que é o de receber informações de natureza plural e não fragmentada.

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), a Agenda 21, o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) também enfatizam o potencial dos meios de comunicação em contribuir para o processo de educação ambiental. (LÜCKMAN, 2006; BRASIL, 2005). A Educação Ambiental objetiva a sensibilização para as questões relativas ao meio, em que os sujeitos possam assumir posições afinadas com os valores referentes à vida e compreender a complexidade ambiental. É fundamental oferecer-lhes uma visão abrangente que englobe diversas realidades e, ao mesmo tempo, uma visão contextualizada da realidade ambiental, o que inclui, além do meio biofísico, as condições sociais (SATO, 1997).

A ampliação de sentidos ao meio ambiente por empresas de comunicação é um fator decisivo para a sensibilização da temática. Para o jornalista André Trigueiro (2005), só a comunicação pode retirar as questões ambientais do gueto em que estão colocadas e levar a sociedade a entender que todas as ações humanas têm impacto sobre o concreto – a água, o solo, o ar, os seres vivos.

Considerações finais

A pesquisa aponta que, apesar de se distanciarem temporalmente em cinco anos, os programas guardam semelhanças no conteúdo ambiental e têm características comuns na produção de sentido através de uma narrativa jornalística que ora privilegia a emoção, ora a razão.

Nos diferentes programas, podemos notar a utilização de adjetivos que caracterizam a região como lugar paradisíaco, inacessível ao homem

comum, revelando a necessidade do programa atrair a atenção pelos aspectos mais extraordinários da reportagem e não pela complexidade do tema. Tal visão facilitada do meio ambiente e da sociobiodiversidade é simplificada em uma natureza bela, misteriosa e alcançável apenas pelos cientistas e emissoras de TV.

Dessa forma, entende-se que o apelo a imagens de uma natureza, bela, misteriosa e cheia de aventuras é um recurso midiático muito rico, capaz de atrair a atenção do telespectador, entretanto, deveria ser o início do percurso para sensibilizar a população para os diferentes serviços prestados por esse bioma e riscos ambientais.

É por meio da televisão que, hoje, muitas pessoas contatam com problemas ambientais e procuram rediscutir os modelos de desenvolvimento e sua atenção no meio ambiente. Trata-se de uma forma de comunicação que deve tornar o tema mais presente no cotidiano das pessoas, propiciando também o sentido de pertencimento à coletividade e de possibilidade de agir no espaço social.

Os desafios encontrados no conteúdo jornalístico não invalidam o papel do GR como divulgador de temáticas ambientais, tanto pela carência de espaço para esse tipo de informação na televisão brasileira, como pela sua ampla inserção para um público distinto, geograficamente disperso. Cabe aos profissionais do jornalismo, portanto, contribuir para a difusão de temas complexos e das análises de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas.

Referências

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu de Abramo, 2003.

ABREU, M.S. de. **Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável.** Florianópolis, Editora da UFSC, 2006.

BAGGIO, A.; SCHEFFER-BASSO, S. M.; JACQUES, A.V. A. **A estética do ecossistema: reeducando o antropocentrismo.** Rev. Ecossistema. Vol. 27, n. 12, jan – dez, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BELMONTE, R. V. **Jornalismo ambiental: evoluções e perspectivas.** Palestra proferida no Seminário "Imprensa e Pantanal", no Laboratório Ambiental de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande, outubro de 1997. Disponível em < <http://www.jornalismoambiental.jor.br/>>. Acesso em: 5.set.2008.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Oeiras: Celta, 1997.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. **Programa Nacional de Educação Ambiental/ ProNEA.** 3ª edição. MMA, Brasília, 2005.

CHARAUDEAU, P.; Tradução CORRÊA, A. **O Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2007.

DA SILVA, C. J.; J. M. WANTZEN; C. N. da CUNHA e F. de A. MACHADO. Biodiversity in the Pantanal Wetland, Brasil. In: B. Gopal, W. J. Junk e J. A. Davis (eds.). **Biodiversity in Wetlands: assessment, function and conservation.** Vol 2, pp 187-215. Backheys, Leiden, Holanda, 2001.

DIEGUES, A. C. S; ARRUDA, P. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: MMA, 2001.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** 2. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOMES, R.G. **Poder no Jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar.** São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. **Mídia, Educação e cidadania: Tudo o que deve saber sobre mídia.** Petrópolis: Vozes, 2005.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: BENETTI, M. e LAGO, C. (orgs.). In: **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

LÜCKMAN, A. P. **Educação, jornalismo e meio ambiente:** Leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. III nº 2 – 2006, pp. 55-67.

MARQUES DE MELO, J. **Teorias do jornalismo:** identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. Tradução GORENDER, J. **Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

PONTE, C. **Para entender as notícias:** linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

RAMOS, L. F. A. **Meio ambiente e meios de comunicação.** São Paulo: Annablume, 1996.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, M. **Ciência e sustentabilidade:** a contribuição da educação ambiental. Avaliação – Revista de Avaliação da Educação Superior. v. 12 n. 2 jun. 2007. p. 219-232.

SATO, M. **Educação para o ambiente Amazônico.** Tese (doutorado). Universidade Federal de São Carlos, 1997.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco:** um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1992.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.